

RESSIGNIFICANDO AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO: AS LINGUAGENS DO COTIDIANO

Salete Kozel¹

Objetivando desvendar os mapas como produtos culturais, encaminhamos a reflexão sobre a construção da imagem como decorrente da apreensão dos significados e subjetividades espaciais, sobretudo por refletirem a compreensão social-cultural dos indivíduos, que as produzem.

Uma imagem ao ser construída ou decodificada passa por diferentes filtros e linguagens, inerente a cada indivíduo, que estabelece códigos simbólicos próprios de acordo com a sua visão de mundo. Trilhar por esse caminho significa desvendar os marcos significativos das representações e associá-los aos aspectos sócio-culturais.

Nesse sentido, cabe ressaltar que as interpretações também são estabelecidas por diferentes prismas, em direção ao representativo/ simbólico, que se situam na base da relação *sujeito/ signo/ imagem*.

A Geografia sempre esteve associada às imagens, num primeiro momento com o sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados, e posteriormente como forma de comunicação/ representação do espaço físico, mensurável ou do espaço vivido subjetivo, passando a ser denominados “Mapas” quando os registros impressos são apresentados num suporte plano bidimensional. Esses registros eram praticados entre os grupos humanos desde a mais remota época, pela necessidade de referenciar suas rotas, caminhos e territórios, integrando o cotidiano, o vivido e as práticas sócio-culturais, que ao longo dos tempos, foram incorporando novos valores.

Segundo HARLEY (1991) o mapa mais antigo foi descoberto em 1963 durante uma escavação arqueológica em Çatal Höyük, na região centro ocidental da Turquia, representando um lugar sagrado do povoado neolítico do mesmo nome a 6000 AC.

Diante da lógica capitalista e expansão colonial mercantilista desvelam-se outras dimensões do mundo até então desconhecidas, tornando-se necessário aperfeiçoar os sistemas de representação, que das observações sensíveis e referências astronômica, passam a se constituir em instrumentos sofisticados para a mensuração do espaço físico, tendo como base a acurácia cartográfica proveniente do racionalismo científico no final do século XVIII.

¹ Prof.^a Dr.^a - Universidade Federal do Paraná-Curitiba -PR
skozel@onda.com.br

Com a reorganização do mundo no pós-guerra, as idéias e valores se redimensionam. As críticas ao racionalismo positivista se estabelecem e outras diretrizes influenciam as ciências.

O aporte cartográfico é identificado como instrumento de dominação e manipulação; principalmente pela sua conotação cientificista de “verdade” ou representação do REAL.

Ao refletir sobre este aspecto GIRARDI (1997) alerta que este raciocínio não pode ser aplicado ao conjunto dos mapas, sob o risco de, por um lado, restringir sua função social e, por outro, negá-lo como produto cultural.

Embora os mapas tenham sido concebidos como uma representação plana e matematicamente precisa da superfície terrestre, eles contêm uma forma ideológica de apresentar o espaço geográfico que reflete, sobretudo uma abordagem socio-cultural, proveniente de um discurso, que muitas vezes é reproduzido e serve de manipulação ideológica.

As representações cartográficas, ao se respaldarem na precisão e acurácia de uma suposta neutralidade científica, direcionavam os cartógrafos ao preconceito e discriminação em relação aos mapas produzidos sem o rigor e os padrões pré-estabelecidos, principalmente os de culturas não européias.

A partir da década de 80, a comunidade cartográfica vem repensando essa abordagem, o que fica evidenciado nas produções científicas das últimas décadas. Dentre os vários autores partidários dessa vertente, destacamos HARLEY (1991) que desde a década de 90 tem defendido a importância do reconhecimento de todo e qualquer tipo de representação como uma forma de linguagem das diferentes civilizações. Sobretudo por unir o objetivo ao subjetivo, a prática aos valores, o mito ao fato comprovado, a precisão à aproximação, permitindo assim redimensionar e ressignificar a imagem e o “olhar”. E neste sentido, mesmo as sociedades européias ao desprezar os aspectos simbólicos, míticos, psicológicos na elaboração dos mapas eram contraditórias, pois os mapas sempre se constituíram a partir da percepção e representação de imagens mentais e dos espaços Reais.

Um mapa seria, portanto uma representação espacial refletindo condições, processos, fatos e o cotidiano do mundo humano e essa imagem jamais poderia ser observada de forma imparcial, isenta de valores sócio-culturais.

Essas considerações nos conduzem ao conceito de “espaço vivido”, impregnado de percepções, significados e complexidades inerentes aos aspectos sócio-culturais das sociedades.

A geografia incorpora essa abordagem a partir do enfoque comportamental, com os mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito de **espaço vivido** FRÉMONT, (1976) com viés fenomenológicos em direção às **representações sociais**, MOSCOVICI,(1987) agregando aporte socio-culturais refletindo nessa inter-relação a **Geografia das Representações** BAILLY,(1985) e KOZEL,(2001) que tem nos **Mapas Mentais** um dos seus principais aportes metodológicos. Esse enfoque atualmente é referendado pela vertente Humanístico-cultural da Geografia que direciona o olhar ao entendimento das ações humanas em relação ao espaço geográfico, impregnado de complexidades e subjetividades, até então desconsiderados pelas demais vertentes geográficas.

Objetivando discutir as representações como construções sócio-culturais, encaminhamos a reflexão em dois eixos:

- a) As imagens como meio de informação e comunicação constituindo a trajetória trilhada pelas representações cartográficas (Modelização, Semiologia, Cognição e Socio-Semiótica);
- b) A construção das imagens decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades referendadas pelos Mapas Mentais.

a) As imagens como meio de Informação e Comunicação

Ao representar uma porção do espaço geográfico ou decodificar sua imagem busca-se o significado, o que pode ser evidenciado por um sistema de signos, relacionando significado/significante, homem/ imagem, destacando nessa interface, a preocupação com a eficiência do mapa “transmissor de informações”.

Essa abordagem é ressaltada por WURMAN (1991) quando diz :

“Locais específicos são descritos ou representados graficamente, não por uma fórmula preestabelecida, mas por algum meio que pareça adequado. Eu me pergunto : Qual é a chave para este espaço ou lugar específico? Será um diagrama de corte, uma planta baixa, um desenho em projeção frontal, uma história ou uma anedota”?

Trilhar por esse caminho significa desvendar as formas mais adequadas para a representação, cujos mapeamentos estavam centrados, em princípio, na cognição como uma operação mental lógica, refletindo atualmente a era das comunicações, referendada pela semiologia gráfica, a socio-semiótica, a visualização das imagens digitais e multimídia, ou “Cibercartografia” como foi denominada por TAYLOR (1991).

Evidenciar os estudos sobre a comunicação cartográfica é permear pela Teoria dos Mapas, (percepção e cognição) em direção à Teoria Geral dos signos, desenvolvida a partir de estudos lingüísticos, aplicados à comunicação. Dessa vertente originam-se os termos: Semiologia (proveniente da vertente saussureana-suíça) e Semiótica (associada à vertente peirceana- americana).

A busca por mecanismos mais eficientes, relacionados a transmissão da Informação e o entendimento do processo ocorrido entre a mensagem recebida e enviada tem suas origens na Teoria da Informação (1949), representando na época um grande avanço para a cartografia, porém insuficiente para a compreensão dos significados e significantes humanos. Entretanto, estes estudos contribuíram especialmente para as pesquisas sobre ruídos na comunicação, relacionadas aos Sistemas de Informação geográfica (SGI).

Inúmeras investigações seguiram inter-relacionando telecomunicações e Cartografia, ampliando modelos, incorporando novas variáveis, chegando ao entendimento do mapa como um sistema de comunicação.

Considerando as diferentes teorias desde as fases de Transmissão da Informação às Teorias de Comunicação, elaboramos um quadro sinótico (Figura 01) onde pode-se observar a trajetória das principais contribuições, influências e os respectivos pesquisadores. Tal quadro evidencia que a preocupação com a comunicação cartográfica é relativamente recente, nos remetendo ao pós-guerra e à reestruturação dos espaços (políticos, sociais e econômicos).

A concentração dos trabalhos apontando novas perspectivas para a cartografia como sistema de comunicação surge na década de setenta, quando ocorre a incorporação da cognição ao behaviourismo, e à semiologia aos modelos.

Figura 01-

A Trajetória das Representações Cartográficas : Contribuições Significativas

ANO	PESQUISADOR	REFLEXÕES
1952	Robinson	Métodos analíticos e experimentais - preocupação com a "aparência dos mapas"
1953	Irvins	Produzir símbolos está associado ao desenvolvimento cognitivo do homem
1967	Bertin	Percepção visual é a essência da representação - ausência do código
1969	Kolacny	Estabelece a estruturação da comunicação cartográfica entre o cartógrafo e os usuário
1970	Rastajski	Propõe esquemas de representação: teórico-"Cartologia" e prático-"Cartografia aplicada"
1971	Freitag	Resgata Peirce e Morris e estabelece sistemas semióticos na cartografia
1971	Koeman	Mapas são sistemas de comunicação específicos-"Como dizer o que para quem?"
1973	Thibault-Laulan	Identifica as principais funções da imagem - racionalidade, expressividade
1974	Morrison	Destaca a importância do domínio cognitivo como canal de comunicação
1975	Robinson e Petchenik	Mapas sistemas simbólicos de comunicação- cognição, percepção visual, simbolismo apresentacional,
1976	Aslanikashvili	Cognição- operações mentais lógicas-comparação, análise, síntese, abstração, generalização e modelização nas representações cartográficas
1977	Salichtchev/ Kolacny	A comunicação e informação- se estabelece pelos de circuitos de retroalimentação criação e utilização
1978	Kretschmer	O mapa como comunicação integra a ciência formal e representativa

1978	Dacey	Estabelece sistemas sígnicos ,resgatando as relações sígnicas de Pierce
1979	Meine	Destaca a eficiência do mapa como banco de informações- não se preocupa com o leitor
1980	Blakemore & Harley	Elaboram modelo com as etapas do processo de comunicação cartográfica
1982	Keates	Mapas refletem mudanças e desenvolvimento da sociedade, teoria da informação.
1983	Salichtchev	Mapas refletem fenômenos naturais, sociais, culturais- espaço/tempo
1983	Muehrcke	Estudam a relação intrínseca entre a elaboração e uso do mapa
1984	Board	Elabora modelos icônicos cíclicos a partir da cognição que o usuário tem do mundo real
1984	Head	Estabelece a teoria da cartografia como decorrente da linguagem natural
1985	Schlichtmann	Destaca a relação entre linguagem natural e simbolismo no mapa pela cognição
1986	Wood & Fels	Existem mitos culturais embutidos nos mapas explícitos nos códigos
1986	Simielli	Desenvolveu estudos sobre a comunicação cartográfica e sua aplicação pedagógica
1989	Harley	Mapas- produtos de normas e valores da tradição social, propõe a desconstrução do mapa, para entendimento de seu real significado.
1989	Turnbull	Mapas são territórios—representam conhecimento cultural dos povos
1990	Blaut	Enfatiza que o mapeamento é inato, portanto uma habilidade natural do ser humano.
1990	Andrews	Destaca o mapa como metalinguagem, proveniente da linguagem natural
1990	Tufte	Criou projetos gráficos a partir dos métodos semióticos e linguísticos tradicionais, visando a comunicação cartográfica informatizada
1993	Pravda	Os códigos da linguagem natural dão suporte à linguagem dos mapas
1993	Taylor	Propõe a visualização como destaque na moderna cartografia, que deve ser interativa, digital, multimídia, incorporando os Sistemas de Informação geográfica.
1993	Vasconcelos	Desenvolveu estudos sobre a cartografia tátil a partir da percepção
1993	Simielli	Proposta de alfabetização cartográfica para crianças do 1º e 2º ciclos do Ens.Fundamental
1995	MacEachren	Preocupa-se com a visualização (cognição) pela tecnologia relacionada a comunicação cartográfica e seu entendimento pelos usuários do produto.
1996	Castner	Preocupação com o design do mapa- linguagem gráfica, signos e convenções
1996	Monmonier	Destaca as análises de múltiplas visões inerentes as representações cartográficas
1997	Gluck	Propõe a sócio semiótica- incorporando a visualização aspectos cognitivos, afetivos e sociais numa perspectiva pós moderna
1997	Girardi	Desenvolveu ensaios sobre a leitura dos mitos existentes nos mapas
1998	Tainz	Elabora modelo para comunicação em SIG visando a leitura e compreensão do usuário

Organização: Kozel Teixeira, S. 2001

É importante ressaltar que os estudos nessa área foram desenvolvidos em vários países concomitantemente destacando-se: Tchecoslováquia (Kolacny,1969); EUA (Morrison,1977); URSS (Salichtchev, 1977); Polônia (Rastajsk, 1978); e Inglaterra (Board, 1978), entre outros.

A nova maneira de pensar a produção e utilização do mapa tem sua gênese nos estudos desenvolvidos por Kolacny, (1969) argumentando que as fases de produção e utilização do mapa não acontecem isoladas, portanto não podem ser analisadas de forma parcial, mas num único processo, que compreende operações com circuitos de retroalimentação em vários níveis.

Como pode-se observar na tabela (Figura 01), os pesquisadores incorporaram conceitos psicológicos às teorias, substituindo os métodos comportamentais pelos cognitivos, ressaltando o valor comunicativo do símbolo, considerando inclusive os aspectos afetivos e sociais dos indivíduos e a necessidade de uma alfabetização cartográfica paralela ao processo de aprendizado da leitura e escrita da língua padrão. Entretanto, no afã de entender e aprimorar a comunicação cartográfica, tanto lingüistas como cartógrafos encontraram dificuldades, sobretudo pela linguagem natural ser linear e seqüencial em sua

apresentação e compreensão e a linguagem cartográfica apresentar-se multidimensional, por refletir a estrutura espacial da realidade.

Um dos pesquisadores que investigou essa questão foi BERTIN, (1967), cuja preocupação estava centrada na visualização da imagem em sua totalidade e não especificamente nos códigos, como a maioria dos autores da época. A Semiologia gráfica de Bertin baseava-se teoricamente em estabelecer regras segundo as quais a imagem é formada pela combinação das variáveis do plano cartesiano X e Y acrescidas das variáveis visuais que representam o plano Z. Num primeiro momento a percepção gráfica consistia na identificação dos componentes e posteriormente na relação entre os signos, o que denominou “Variáveis visuais”.

A partir da década de 80 os Sistemas Geográficos de Informação tornaram-se cada vez mais sofisticados, permitindo que tanto analistas como o público ampliassem as perspectivas de interpretação das imagens. Neste contexto uma diversidade de pesquisas surge, apontando em várias direções, tais como: resgate dos métodos semióticos e lingüísticos; literários; investigaram mitos e ideologias contidas nos mapas; o aporte de métodos fenomenológicos buscando desvendar os significados representados nos mapas cognitivos e mentais entre outros. Nesse aspecto pode-se destacar “CHILD (1984), que estabelece analogia entre a construção de mapas e poesias, utilizando-se de métodos literários; WOOD & FELS (1986), que desenvolveram sistemas de códigos para descrever os mitos culturais embutidos nos mapas; SIMIELLI (1993) apresentando uma proposta de alfabetização cartográfica pedagógica; GIRARDI (1997) buscando identificar os discursos, valores sociais e mitos presentes nas representações cartográficas; WOOD (1992), TURNBULL (1989) e MONMONIER (1991); discutindo o poder dos mapas, resgatando o aspecto ideológico e geopolítico dos mesmos, TAINZ (1998), BOLMANN (1996), MACEACHREN (1995), por meio da visualização da Informação cartográfica propõe o resgate da semiologia gráfica de Bertin e a construção de signos aplicados inclusive aos SIGs.

Não pretendemos discorrer sobre toda a gama de abordagens que as representações cartográficas tem incorporado atualmente, mas, enfatizar alguns exemplos, com o intuito de delinear o atual momento histórico em relação às pesquisas voltadas às imagens e representações assim como sua importância para os estudos geográficos.

GLUCK (1997), denominou a contemporaneidade como a fase da *Semiótica pós-moderna* desenvolvendo-se em duas vertentes: as pesquisas oriundas da cibernética e as voltadas ao enfoque socio-cultural dos mapas na sociedade. Enfatizando que as representações se constituem tanto cultural como cientificamente, pois apesar de

apresentarem uma suposta neutralidade reafirmada pela ciência, encobrem sua dimensão social; sobretudo pelos mapas estarem atrelados a regras e valores de uma sociedade.

b) As imagens do simbólico: os mapas mentais

Cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e conseqüentemente uma visão muito particular dos lugares e territórios. O que segundo FREIRE (1995) acontece porque “tais mapas articulam o real e o imaginário, definem cartografias e não podem ser desvendados pela razão”. Essas representações, contudo, advêm do simbólico, de uma construção mental decorrente da apreensão de significados, que raramente podem ser desvendados pela razão, sendo que o termo “representação” é definido como o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade e o termo “imagem” refere-se a uma forma de representação explícita por uma pessoa ou grupo sobre um determinado fenômeno; tratando-se, portanto, de uma categoria particular e singular advinda da representação do “real visível” ou do vivido.

As imagens espaciais provenientes das subjetividades, foram denominadas em princípio de **Mapas cognitivos**, **Mapas conceituais** e posteriormente **Mapas Mentais**.

A preocupação em desvendar as imagens, passa a se explicitar a partir da década de sessenta, visando as novas perspectivas de comunicação. Era necessário encontrar respostas para algumas indagações sobre o desenvolvimento crescente de uma nova cultura. A rapidez com que as informações eram difundidas pelas mídias, como entender essas novas linguagens, suas funções, valores, efeitos relações nas várias civilizações e culturas?

As pessoas constroem o sentido de espaço, não somente pela atividade consciente do pensamento teórico, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço que passa a ser expresso. Ao criar as formas do mundo, estabelece sentidos que expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado.

O conceito de “mundo vivido”, ou “*LEBENSWELT*” que dá suporte teórico a esta abordagem geográfica é proveniente da fenomenologia, estudado inicialmente por HUSSERL (1970), que o definiu como conjunto de coisas, valores, bens e mitos inerentes a um mundo subjetivo. Considerando o fato cultural como portador de sentido e gerador de significados, variando de pessoa para pessoa. Para ele, o mundo é construído na troca de significações, intermediado por mensagens que resultam no ser social.

Nesse aspecto o mundo vivido socialmente é especialmente subjetivo, e deriva do contato com outras pessoas, por meio de instrumentos e coisas que podem ser usados,

transformados e manipulados. Já as coisas do mundo cultural, se constituem em ruas, edifícios, praças, bosques, paisagens em geral, às quais são atribuídos significados.

MERLEAU-PONTY, (1962) reconhecendo a ambiguidade deste conceito ressalta que assim como a natureza acha seu caminho para o centro da vida pessoal e torna-se ligado a ela; também os padrões de comportamento interligam-se aos da natureza, apresentando-se na forma de um mundo cultural... .

“Não tenho apenas um mundo físico, não vivo apenas no meio da terra, ar e água, tenho de mim estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, implementos, um sino, uma colher, um cachimbo... Algumas maneiras de experiência ou de vida podem achar seu lugar... na paisagem através da qual eu vagueio. O mundo cultural é ambíguo, mas está presente”.

Em sua visão, o real e o simbólico se misturam, se interpenetram, fazendo com que o mundo cultural tenha inúmeras e diversas formas, e nós integramos a este contexto por intermédio de nosso corpo, nossos sentidos, movimentos e linguagens.

O mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes, vivências, entre outros aspectos.

A leitura das imagens tem seu embrião na psicologia social, resgatando trabalhos sobre representação e cognição coletivas e individuais, despertando interesse principalmente de antropólogos, sociólogos, geógrafos e urbanistas. Entendendo-se por **COGNIÇÃO** o mecanismo de aquisição e representação que segundo BAILLY (1995) incorporam a percepção e a representação, no mesmo processo cognitivo.

Na geografia, esses estudos originam-se com a **Geografia Comportamental e da Percepção**, e **Geografia Humanística** atualmente apontando em direção a **Geografia das Representações**, com aporte humanístico-cultural perpassado pela fenomenologia e teorias sociais. Esse enfoque busca entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por meio de experiências temporal, espacial e social, existindo uma relação direta e indireta entre as representações e as ações humanas, ou seja, entre a representação e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento.

Esse “olhar” resgata pesquisas desenvolvidas sobre a percepção do meio associadas ao comportamento e ação humana, como as desenvolvidas por DARDEL (1952). Na contemporaneidade esse enfoque é retomado por diversos autores, tendo em

vista desvendar as ações desenvolvidas pelos seres humanos e seu reflexo na organização social.

O termo “Carta Mental” foi introduzido aos estudos geográficos por Peter GOULD (1973), ao discutir o imaginário individual e coletivo relacionado a concepção de mundo inerente aos indivíduos. Desenvolveu investigações sobre o comportamento humano, tanto em nível da escolha de itinerários como das preferências espaciais estabelecidas em espaços topográficos percorridos no cotidiano, impregnados de significados e sentimentos afetivos, considerando o indivíduo como construtor de imagens a partir de sua própria concepção de mundo. As representações advindas do real, filtradas pelas criações sociais e individuais geram imagens ou representações simbólicas, as quais se constituem nos **MAPAS MENTAIS**. De acordo com GOULD(1973) ...

“essas imagens espaciais que estão nas cabeças dos homens, não só dos lugares vividos, mas também dos lugares distantes, construídos pelas pessoas a partir de seus universos simbólicos, sendo esses produzidos por meio de acontecimentos históricos sociais e econômicos divulgados”.

O autor amplia os estudos anteriormente desenvolvidos pela psicologia, ao enfatizar que essas imagens podem ser geradas por informações anteriormente adquiridas, vinculando-se aos significados construídos pela vivência, informações ou formas diversificadas de comunicação.

Direcionou suas pesquisas ao planejamento urbano e regional, investigando por intermédio dos **MAPAS MENTAIS** (percepção avaliativa) como a distância existente entre as pessoas e o lugar pode interferir no processo de construção da imagem, explicando as formas pelas quais os mapas mentais se relacionam com as características do mundo real.

O estudo de LYNCH(1980), também foi um dos pioneiros, na utilização dos **MAPAS MENTAIS** tendo em vista investigar (percepção designativa), os atributos concretos das pessoas em relação ao lugar, objetivando o planejamento ambiental e urbano. Enfatizando que o conhecimento espacial adquirido pelos seres humanos consiste, sobretudo, em imagens mentais construídas na trajetória de sua vivência a partir da percepção. Essas imagens refletem o espaço mental que é percebido, concebido e representado pelos indivíduos.

Os mapas mentais estão relacionados às características do mundo real, ou seja, não são construções imaginárias, de lugares imaginários, que segundo KOZEL TEIXEIRA E NOGUEIRA (1999), são constituídos por sujeitos históricos, reais, reproduzindo lugares reais, vividos, produzidos e construídos materialmente.

Os estudos que GOULD (1973), ANDRÉ (1998), BAILLY (1995) e MERENESHOU MAKER (1986), elaboraram demonstram os processos que concorrem para que o indivíduo estabeleça representações espaciais ou mapas mentais, do concreto ao simbólico, mostrando que a apreensão do real se dá por intermédio dos processos provenientes da percepção, das lembranças do consciente e inconsciente, assim como do contexto sociocultural a que o indivíduo pertence. Por intermédio desses vários filtros é que são concebidas as representações registradas nas cartas mentais.

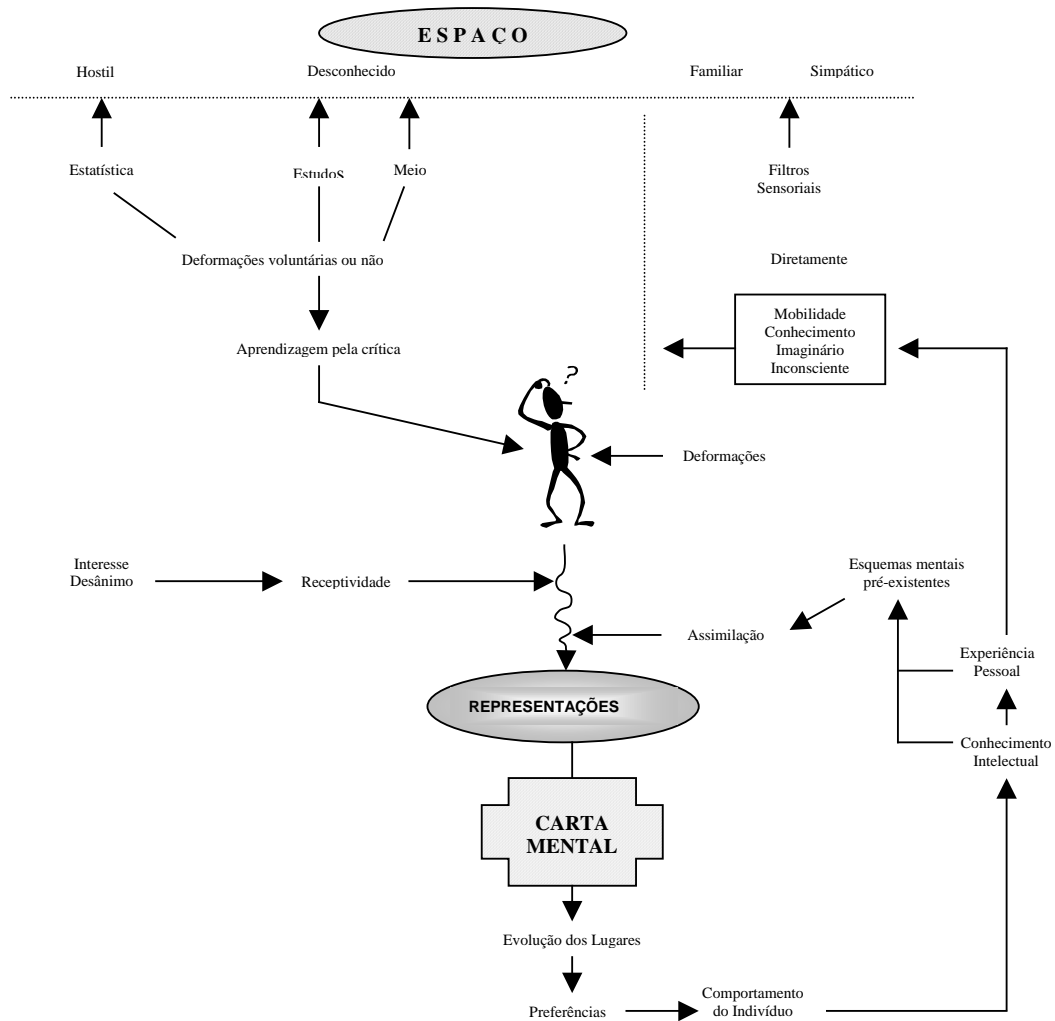
O ser humano é influenciado por aquilo que vê e sente, ativando a sensibilidade a atribuir ao que é visto uma variedade infinita de simbologias. Estes significados transitam historicamente e transmutam-se continuamente, tanto individual como coletivamente influenciados, sobretudo pelos aspectos culturais, sociais e afetivos. (Figura 02)

Os processos mentais iniciam-se visualmente com a representação de algo passando pela imaginação, sendo que um dos seus papéis principais é a conceituação do real, propiciando um agir, em princípio, por intermédio do simbólico (desenhos), refletindo a imagem mental. A percepção, o pensamento e a ação se constituem em componentes importantes da atividade humana, pois percebemos, construímos e agimos sobre o que é percebido. Observa-se também que a percepção resulta do esforço das sensações que decorrem dos estímulos do meio ambiente, de experiências passadas, idéias, imagens, expectativas e atitudes.

FIGURA 02

Processos de elaboração das Representações Espaciais

A. Bailly - B. Mérene-Shoumaker



Organizado: Kozel, 2000

Os ecos derivados deste repensar, embora captados por diferentes áreas do conhecimento, apresenta mais evidencia e respaldo na Geografia, considerando-se como o ressignificar de uma abordagem epistemológica, por alguns pesquisadores.

Essa Geografia possui um viés psicológico e se situa na interface da percepção em direção aos aportes transdisciplinares com a lingüística, antropologia, sociologia e demais ciências afins, visando o “mapeamento” dos fenômenos. Mapear a partir desse enfoque segundo COSGROVE (1984) pode ser evidenciado como:

“...tomar a medida do mundo, porém mais do que meramente tomá-la, figurando a medida tomada em tal maneira que possa ser comunicada entre pessoas, lugares ou tempos. A medição do mapeamento não é restrita ao matemático, ela igualmente

pode ser espiritual, política ou moral. Pelo mesmo sinal, o registro do mapeamento não é confinado ao que é para arquivar, mas também inclui o que é lembrado, imaginado, contemplado. O mundo figurado através do mapeamento assim pode ser material ou imaterial, existente ou desejado, inteiro ou em partes, experimentado, lembrado ou projetado de várias maneiras.”

Essa vertente inicialmente foi desenvolvida na França, com os estudos de BAILLY e ANDRÉ (1985), se constituindo numa linha da pesquisa no *Departement de Géographie de l'Université de Genève*.

Contemporaneamente essa linha de pesquisa tem sido implementada em universidades em vários países. No Brasil pode-se destacar os Cursos de Geografia das Universidades: PUC-MG em Belo Horizonte- MG; UFF em Uberlândia MG; UFBA em Salvador- BA; UFAM em Manaus- AM; UFPR em Curitiba-PR entre outras. No Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná- UFPR, integra a linha de pesquisa Território, Cultura e Representação do espaço, onde estão sendo desenvolvidas pesquisas na área de percepção e Representação do Espaço com enfoque em Ensino de geografia, Educação Ambiental e Geografia Cultural social.

O ensino de geografia torna-se mais significativo ao trabalhar com pesquisas e análises das representações construídas pelas sociedades, considerando que o educando também é agente das representações e produtor de conhecimentos imprescindíveis para o entendimento das relações estabelecidas na organização espacial. Os **MAPAS MENTAIS** como aporte metodológico já vem sendo utilizado nas séries iniciais, contribuindo para a construção da noção de espaço, propiciando ainda averiguar o conhecimento dos referenciais existentes.

Novos horizontes decorrem desta perspectiva que desponta aos olhares geográficos, tanto no aspecto didático-pedagógico como aos voltados às pesquisas sócio ambientais e culturais, ressignificando essa área do conhecimento.

CONCLUSÃO

As representações sociais sempre estiveram implícitas na visão espacial dos povos, retratando aspectos culturais e valores, em princípio, provenientes do senso comum, referendando trajetos e lugares. Mesmo após incorporar a acurácia normativa e cientificista, continuam a ser um produto socio-cultural intermediado pela informação/comunicação, que embora apresentasse uma aparente neutralidade, sempre mascarou a dimensão social. Esse foi um dos motivos que nos levou à Geografia das Representações, e a um dos seus

aportes, os mapas mentais. Essa vertente geográfica, ainda em consolidação, aponta para o conhecimento espacial elaborado pelos sujeitos como integrantes de uma realidade, articulando o real ao imaginário, o cotidiano à fantasia nas representações espaciais, refletindo uma ideologia referendando uma visão de mundo.

As chaves da interpretação das construções sógnicas, conseqüentemente, só podem ser explicitadas por meio do recorte sociocultural e ideológico que perpassa as representações elaboradas pelos seres humanos quando representam o espaço geográfico.

Incorporar essas reflexões ao geográfico torna-se imprescindível, pois vivemos num mundo onde imagens e linguagens adquirem cada vez mais importância, portanto o desafio é decodificar essas leituras visando a compreensão dos processos de construções sógnicas e conseqüentemente apontar novas diretrizes para se desvendar a organização espacial.

Embora explorando as construções da imagem em eixos distintos observamos que os percursos se interligam, sobretudo por refletirem a compreensão sociocultural das sociedades que as produzem e as consomem.

REFERÊNCIAS

- André, Y. *Enseigner les représentations spatiales*. Paris: Anthropos, 1998
- André, Y.; Bailly, A. Distances et espaces, vingt ans de Géographie des Représentations. In: *L'espace Géographique*. Paris: v. 3, 1985.
- Bailly, A. *Géographie régionale et représentation*. Paris: Anthropos, 1995
- Bertin, J. *Sémiologie Grafique*. Paris: Gauthier-Villars, 1967
- Claval, P. *Géographie culturelle*. Paris: Nathan, 1995.
- Claval, P. *Épistémologie de la Géographie*. Paris: Nathan, 2001
- Cosgrove, D. *Formation and Symbolic Landscape*. London: Croom Helm, 1984
- Dardel, E. *L'Homme et la terre: Nature de la réalité géographique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952
- Freire, M.C.M. *Além dos mapas: os movimentos do imaginário urbano. Um estudo de caso na cidade de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Psicologia/USP, 1995. (tese de doutorado)
- Frémont, A. *La région, espace vécu*. Paris: PUF, 1976
- Girardi, G. *A Cartografia e os mitos- ensaios de leitura de mapas*. São Paulo: FFLCH/USP, 1997 (Dissertação de Mestrado)
- Gluck, M. "Review of Cartographic Communication information. Teory to Posmodern". In: *ICA/ACI International Cartographic Conference*. Stokholm, Sweden, Jun, 1997
- Gould, P. "On Mental maps" In: *Image and Environment*. R.M. Downs, D. Stea. Chicago, 1973.
- Harley, J.B. A nova história da Cartografia In: *Correio da Unesco*. São Paulo, FGV. 19(8) 4-9, 1991
- Husserl, Edmund. *The crisis of European science and transcendental Phenomenology*. Northwestern Iniversity Press, New York, 1970
- Kozel, S. "As Representações no geográfico" In: *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba, Ed. UFPR, 2002

Kozel,S. e Nogueira,A. R.B. “A Geografia das representações e sua aplicação pedagógica: contribuições de uma experiência vivida”.In: *Revista do Departamento de Geografia/FFLCH/USP*. São Paulo: Humanitas,(13) 239-257. 1999

Kozel Teixeira,S. “*Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a Capital ecológica*” .São Paulo:FFLCH/USP, 2001. (tese de doutorado)

Kozel,S e Filizola,R.*Memórias da Terra- O espaço vivido*. São Paulo:FTD,1996

Lynch,K. A Imagem da cidade.São Paulo:Martins Fontes, 1980

Merleau-Ponty, M. *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Freitas Bastos S/A, 1971.

Mérenne-Shoumaker,B. Les trios dimensions de l' enseignement de la géographie In: *Revue de Géographie de Lyon*. Lyon,(61) 183-188,1986

Nogueira,A R.B.*Mapa mental- recurso didático no ensino de geografia no 1º gr*. São Paulo, FFLCH-USP, 1994 (Dissertação de Mestrado)

Simielli,M,E,R. O Mapa como meio de Comunicação: implicações no ensino de Geografia 1º grau. São Paulo: FFLCH/USP,1986. (Tese de doutorado)

Taylor,D.R.F. “A conceptual basis for cartography/ new direction for the information era” In: *Cartographica*.Toronto:University Toronto Press.(28) 4 1-8, 1991.

Wurman,R.S. *Ansiedade de Informação – Como transformar Informação em compreensão*.São Paulo: Cultura Editores Associados.1991.